

H. J. 10257

12

IMP. LEB

Guerra Junqueiro

EDITH CAVEL

o O produto da venda deste
opúsculo destina-se à enfer-
magem da CRUZADA DAS MU-
LHERES PORTUGUESAS o o

Lisboa ♦ ♦ ♦
Imprensa Nacional
♦ ♦ ♦ 1916

H. J. 10739

2

GUERRA JUNQUEIRO

IMP LEG.

EDITH CAVELL



* O produto da venda deste opúsculo
destina-se à enfermagem da CRUZADA
DAS MULHERES PORTUGUESAS *

69761

Lisboa ♦ ♦ ♦
Imprensa Nacional
♦ ♦ ♦ 1916



7/10/92
Voluntario

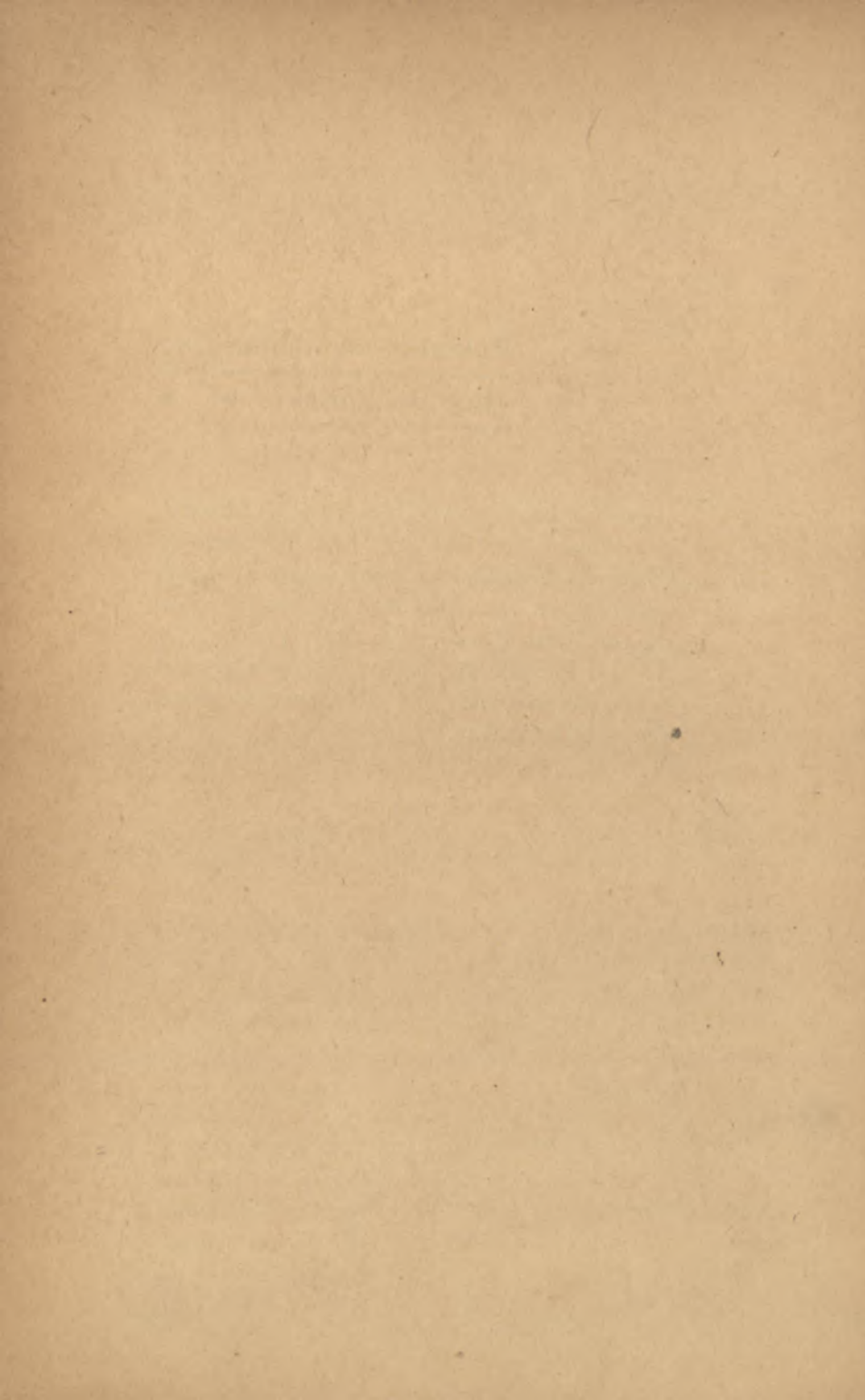
Palavras de Miss Cavell
ao capelão inglês Gahan,
algumas horas antes de
morrer * * * *

«Nada receio. Já vi a morte tantas vezes, que a não estranho, nem me assusta. Dou graças a Deus por estas dez semanas de tranqüillidade antes de morrer. Passei continuamente uma vida agitada e cheia de obstáculos, e, por isso, éste período de repouso o julgo uma grande mercê. Aqui foram todos bondosos para mim. Mas no momento supremo, em face de Deus e da eternidade, eu sinto e quero dizer aos homens que o patriotismo não basta: não devemos ter ódio nem azedume para ninguém».

Palavras de Junius, no

«Eco de Paris» * *

«Em balde procurei nos jornais alemães, que últimamente tenho lido, uma frase, não direi de remorso nem de pesar, mas de simples embaraço ou constrangimento, sôbre a execução de Miss Cavell. Um deles resume com frieza a opinião dos outros: «Quando se trata duma sentença, não nos colocamos no ponto de vista subjectivo».



EDITH CAVELL

O horrendo assassinio de Miss Cavell pelo império alemão é já a crise delirante da ferocidade teutónica e demoníaca, o louco e pávido estrebuchar da bebedeira de sangue, orgulho e onnipotência, que fez da luminosa pátria de Goete e de Beethoven a caserna ciclópica e sinistra do Kaiser, de Krupp e de Bismark.

Miss Cavell gastou a vida inteira nos hospitais, cuidando enfermos piedosamente desde o raiar da alva até a noite, com mãos de carinho e bênção para os desgraçados que gemem, com olhos fraternos e celestes para os tristes que choram, com palavras de immortalidade e deslumbramento para as almas sem luz e sem guia, que buscam Deus e o não encontram. E, se a existência de Miss Cavell, dedicada aos que sofrem, à dor e ao amor, foi alta e foi bela, a sua morte crua e esplendorosa foi mais do que bela, foi divina.

Miss Cavell achava-se na sua pátria, quando as hordas sacrílegas da Alemanha, enforcando o direito e apunhalando a honra, invadiram a Bélgica. O heróico e sagrado holocausto dêsse pequeno povo, que é hoje, na ordem espiritual, um dos maiores do mundo, traspas-sou-lhe de angústia o coração e correu a Bruxelas, onde

há anos estava dirigindo virtuosamente, com pureza cristã, uma simpática escola de enfermeiras.

Diante do drama horroroso e augusto do martírio belga, escrito a fogo, a sangue e a lágrimas, por Deus e por Satanaz; diante da avalanche execranda, esmagadora, inexorável, arrasando aldeias e cidades, igrejas e hospitais, choupanas e palácios, queimando bibliotecas, estilhaçando monumentos, massacrando na debandada as multidões inermes, escarnecendo e fusilando sacerdotes, brutalizando mulheres, violando donzelas, numa raiva alcoólica e sangrenta de orgulho conquistador e canibalesco, sem respeito nem à virtude, nem à miséria, nem à velhice, nem à virgindade, nem à cruz de perdão do Nazareno, nem à hóstia inocente dos altares; diante emfim do espectáculo sôbre-humano dum povo a bater-se pelo direito com a certeza prévia da derrota, sacrificando liberdade e vida, à vida dos outros, à liberdade do mundo e à justiça eternã: a alma cristã de Miss Cavell ergueu-se instantânea, em súplica ardente, ao coração de Deus, e de lá baixou iluminada e perfeita para a obra de amor e de renúncia, que teve o martírio como epílogo.

A dor, exaltando-a e sublimando-a, tornou-a heróica e fê-la santa. Move-se ainda no mundo, mas vive em Deus, esparge Deus, realiza Deus. E é então que a figura celeste de Miss Cavell atravessa imortal, numa onda de luz, aquela hecatombe demoníaca. Abrasada em amor e misericórdia, dia e noite percorre os hospitais de sangue, estancando golpes, curando chagas, aliviando tormentos, sem discriminar o soldado alemão do soldado belga, os ais do verdugo e os ais da vítima, porque a dor que implora é religiosa, e até a dos monstros ecoa em Deus e comove os santos.

Mas, além dos brados de angústia dos enfermos, chamavam-na ainda os cativos estóicos, silenciosos, os

que pugnaram pelo direito e pela honra contra a iniquidade e contra a infâmia. Libertá-los era um dever sagrado perante Deus, e um crime de morte perante o Kaiser. A virgem heroica não hesitou um minuto: obedeceu ao dever, desafiando a morte.

Encarcerada e julgada militarmente por dar evasão a prisioneiros, o acusador interrogou-a:

— É certo? É verdade?

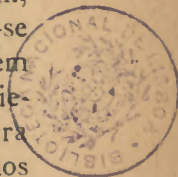
Confessando, condenava-se. Podia mentir, podia iludir. Em transe desta ordem, a moral humana justifica dissimulações e subtilezas. A moral transcendente, a moral divina repele-as. O norte da existência é o bem, o amor. O bem infinito, o amor infinito, chamam-se Deus. O homem sôbre-humano, o santo, engolfa-se em Deus, embebe-se em Deus, e inunda de amor e de piedade a dor eterna do Universo. E, se é necessário para chegar a Deus acabar na cruz, indefeso se rende aos seus verdugos, e, crivado de golpes e de ultrajes, expira em Deus, abençoando e perdoando.

A alma de Miss Cavell pairava já, extática e radiante, na graça imortal da manhã divina. Santificara-se. E quando o bruto e bárbaro juiz lhe perguntou se a acusação era exacta, se dera fuga aos prisioneiros, a mulher sublime, encarando os algozes, tranqüilamente respondeu, como Jesus responderia:

— É verdade.

Miss Cavell ergueu-se naquele instante à esfera mais alta e luminosa da perfeição humana. Tocou o zênite da virtude. Os anjos sorriram-lhe, Deus admirou-a, e o tribunal, em nome do Kaiser, em nome da lei e do Império, condenou-a à morte. Ficou serena. Ia morrer pela verdade e pelo bem.

A legação de Espanha e a dos Estados-Unidos intervieram inútilmente. O crime executou-se. Altas horas da noite foram buscar a vítima. Miss Cavell, andando,



resplandecia. Exalava oração, deslumbramento, vida eterna. Pela dor e pelo amor vencera a morte. Perdoara afrontas, injúrias, iniquidades, e marchara em êxtase para Deus, levando no coração, como uma filha, aos ais e a escorrer sangue, a miséria dos homens e do mundo.

Num pátio sombrio aguardavam-na os algozes — quatro soldados e o comandante. A alma divina da mártir olhou-os sem ódio e sem temor. Nem todas as fôrças brutas da natureza, voltando-se contra ela, a poderiam aniquilar. Mas, se a alma era invencível, a carne estava exausta. O corpo da santa desmaiou. O oficial, concluindo a tragédia, estourou-lhe o crânio com duas balas. Assassinou-a plácidamente, gélidamente, maquinalmente.

¿Pois o que era êle (estava-o dizendo a si mesmo) senão uma ínfima parte da prodigiosa máquina de guerra, a Alemanha inteira, organizada pelo Destino, em meio século, para a conquista ovante do planeta? Máquina de morte e de triunfo, que rodando no glôbo ia escravizá-lo, submetendo à hegemonia olímpica do Kaiser a alma das nações, o drama da história, os fados do Univerno. A Bélgica louca resistiu-lhe, e ela esmagou-a como um verme. Contra o direito? Não. O direito é a fôrça. O direito é o Kaiser, é Krupp, é Moltke, é Bismark. O supremo direito é a suprema vontade da Germânia. Porque o direito da Germânia é o direito universal e o direito divino. A fôrça alemã architectou-a o génio alemão, e o génio alemão criou-o Deus para dominar a terra. O Kaiser, super-homem, é um vice-Deus hereditário, e a Germânia-Mater o povo augusto, o povo eleito, o Povo-Clarão, o Povo-Messias, que guiará na viagem do Eterno, através dos tempos, a dolorosa e infinita marcha da humanidade. É o condutor, é o Redentor. Mas, em vez de crucificado como

Jesus, crucificará, sendo preciso, o mundo inteiro. O Deus da Germânia é o Deus dos exércitos, sem misericórdia para os fracos e sem perdão para os rebeldes. O evangelho novo há-de a Germânia triunfante ensiná-lo aos homens, com a eloquência arrebatadora dos seus canhões — os seus apóstolos. A ordem augusta vai fundar-se: Germânia — imperatriz do mundo, Berlim — capital do Universo!...

Eis o que esteve sonhando, enquanto limpava e guardava o revólver cuidadosamente, o executor feroz da grande mártir. Depois bebeu, deitou-se e repousou como um justo. Lembrava-se tanto de Miss Cavell como se lembra um temporal numa fôlha morta.

Mas dessa fôlha morta, dêsse cadáver desprezado, radiou no globo instantâneamente uma luz imortal, onde milhões e milhões de almas se inflamaram, coruscando de dor e de vingança. Baixou inexorável sôbre a Alemanha patibular a execração do mundo. Ergueram-se heróis, levantaram-se exércitos. E no infinito de Deus, na insondável paisagem da eternidade, enquanto que a alma gloriosa da mártir brilhava em estrêla espiritual da constelação edénica dos anjos, a Alemanha rútila e soberba, a Alemanha ovante e formidável, com todas as chamas do seu orgulho e todo o esplendor do seu império, não era mais do que um montão de larvas negras, de embriões de loucuras e de crimes, de fermentos sacrilegos, satânicos...

A justiça de Deus vai proclamar-se na terra. O monstro espantoso será desfeito e aniquilado.

.
.

Barca de Alva, Outubro de 1915.

Guerra Funqueiro.

